

CONFLITOS DE GERAÇÕES: DIÁLOGO DA PERSONAGEM CHICO BENTO E SUA PROFESSORA

Gecimara Ferreira da Silva*

Nísia Rebeca Melo**

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo analisar a variação lingüística na perspectiva da sociolinguística, aonde a sociedade influencia o indivíduo. Mediante esses estudos sociolinguísticos, identificamos o conflito de gerações nas Histórias em Quadrinhos de Mauricio de Souza cujo autor enfatiza a variação lingüística presente no diálogo da personagem Chico Bento em contraponto com a personagem que é sua Professora. A análise dos resultados vem nos mostrar que as personagens tanto apresentam choques de idade quanto de linguagem, acarretando na língua as mais diferentes variações, mostrando-nos o relacionamento escolar. Nessa perspectiva pretendem-se abordar as possíveis causas da dicotomia entre linguagem, sociedade e geração, constatadas nos quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: *Linguagem, Conflito, Sociedade, Geração.*

ABSTRACT:

This article aims at analyzing the linguistic variation in a sociolinguistics view, where the society influences individuals. By those sociolinguistics studies, we identified the generation conflict on the Mauricio de Souza's Cartoons, an author that emphasizes the linguistic variation, present on the dialogue of the character Chico Bento in opposition to another character who is his very own teacher. The analysis of the results shows us that the characters present shocks both of age and language, causing the most different variations in language, showing us the reality of school relationships. On this point of view, we intend to cover those possible causes of the dichotomy among language, society and generation, verified on these cartoons.

WORD-KEY: *Language, Conflict, Society, Generation.*

EL RESUMEN:

Este artículo tiene para el objetivo para analizar la variación lingüística en la perspectiva del sociolinguistics, el donde la influencia de la sociedad el individuo. Por esos estudia el sociolinguísticos, nosotros identificamos el conflicto de generaciones en los Dibujo animados de Mauricio de Souza cuyo autor da énfasis a la variación

* Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

** Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

lingüística presente en mí dialógelo del carácter Chico Bento en el contrapunto con el carácter que es Maestro del his/her. El análisis de los resultados viene a mostrarnos que los caracteres los tanto sustos del presente de edad a partir del idioma, carreando en el idioma las variaciones más diferentes, mostrándonos la relación escolar. En esa perspectiva ellos piensan acercarse las posibles causas del dichotomy entre el idioma, sociedad y generación, verificado en los marcos.

PALABRA-IMPORTANTE: *El idioma, el Conflicto, la Sociedad, la Generación.*

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a variação linguística na perspectiva da sociolinguística, aonde a sociedade influencia o indivíduo através da linguagem, que é um fato puramente social, bem como disponibilizar um material de cunho histórico que possa guiar estudantes e pessoas interessadas pelo assunto posto em questão.

Este é um material que sintetiza a tradição de relacionar a linguagem e sociedade desde as origens da sociolinguística até os dias de hoje, e mediante estudos identificamos o conflito de gerações nas Histórias em Quadrinhos de Maurício de Sousa cujo autor enfatiza a variação linguística presente no diálogo da personagem Chico Bento em contraponto com a personagem que é sua professora.

Fundamenta este trabalho as contribuições sobre a perspectiva sociolinguística da linguagem particularmente a noção da variação linguística entre diálogos, o que vale dizer que dentro da sociedade as pessoas são consideradas sujeitos submetidos a culturas diferentes dentro de uma mesma nação.

É nessa perspectiva que se pretende abordar as possíveis causas da dicotomia entre linguagem, sociedade e geração, constatadas nos quadrinhos de Maurício de Sousa, servindo de exemplo também para determinadas ocorrências em situações reais.

Os resultados vêm nos mostrar que as personagens tanto apresentam choques de idade quanto de linguagem, acarretando na língua as mais diferentes variações, mostrando-nos dessa forma como se torna o relacionamento no âmbito escolar.

1. A Sociolinguística

O termo Sociolinguística diz respeito a uma área que se fixou mais precisamente em 1964, sendo estabelecido pela atuação de vários pesquisadores que procuravam articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural. Embora o aspecto social da língua tenha chamado a atenção desde cedo, tendo tido relevância já no trabalho do linguista suíço Ferdinand de Saussure, pode-se dizer que a figura chave foi William Labov, que, nos anos 1960, começou uma série de investigações sobre a variação linguística.

Vejamos como Calvet define o termo sociolinguística:

“Trata-se simplesmente da afirmação de um princípio segundo o qual não é possível distinguir entre uma linguística geral que estudaria as línguas e uma sociolinguística que levaria em conta o aspecto social dessas línguas: em outros termos, a sociolinguística é a linguística” (2002)

Vale salientar que a Sociolinguística inicia seus estudos a partir de uma comunidade linguística¹ analisando indivíduos a partir do comportamento verbal de um mesmo conjunto de regras. De acordo com Mussalim e Bentes (2007) “o objetivo de estudo da sociolinguística é a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”.

Seguindo essa linha, a Sociolinguística também necessita enfocar como objeto de estudo a diversidade que há na a linguagem, e ainda na visão de Mussalim e Bentes (2007) “a linguagem é, sem dúvida alguma, a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções sócio-interacionistas”, dessa forma vê-se que a linguagem sempre se realiza ao lado de uma sociedade definida, ou seja, é a sociedade que influencia o indivíduo.

E para ficar ainda mais claro podemos observar nas palavras de Bakhtin que:

“A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou dos enunciados. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. (1929)

Por fim é necessário saber que a sociolinguística pode ser vista como a corrente que deu início às novas pesquisas centradas no fenômeno linguístico relacionadas ao contexto social mais amplo em que se situam aqueles que se dedicam a pensar o

¹ Comunidade linguística é descrita como um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos.

fenômeno linguístico. Dessa forma veio mostrar que as inter-relações entre língua e sociedade são muito mais complexas e podem assumir diferentes formas na relação com o indivíduo.

2. A variação linguística

De maneira simples e direta sabemos que a variação linguística está condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e sendo parte integrante ao sistema da língua ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático. Observada nas línguas, a variação linguística está relacionada a diversos fatores dentro de uma mesma comunidade, assim os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias à sua região, à sua classe social, e é dessa forma que se pode descrever a variação linguística sob dois sentidos principais: variação geográfica² e variação social³.

Cabe a variação linguística fazer de uma forma sistemática e coerente a diferença entre as formas de linguagem, já que uma nação apresenta diversos traços de identificação, sendo um deles a língua. Esta, por sua vez, pode variar de acordo com alguns fatores, tais como o tempo, o espaço, o nível cultural e a situação em que um indivíduo se manifesta verbalmente. Bem como as diferenças que existem entre países, regiões, estados, cidades, ou seja, os indivíduos em geral possuem as mais diversas variações. Estão relacionados também os fatores que correspondem à classe social, à idade, ao sexo e ao contexto social, fatores estes que contribuem de forma grandiosa para haver uma separação entre os indivíduos de uma mesma nação.

Mas vejamos ainda o que Calvet tem a dizer sobre a variação linguística:

“Mas essas variáveis podem também terem sentido social quando, em um mesmo ponto do território uma diferença linguística é mais ou menos isomorfa de uma diferença social. O problema se torna então distinguir as variáveis linguísticas das variáveis sociais correspondentes, e veremos que a sociolinguística nem sempre conseguiu juntar as duas pontas desse conjunto, o linguístico de um lado e o social de outro”. (2002)

² Tomando por base as palavras de Mussalim e Bentes (2007) “a variação geográfica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre os falantes de origens geográficas distintas”.

³ Já a variação social, ainda de acordo com Mussalim e Bentes (2007) “relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade de fala”.

Dessa forma podemos perceber nas palavras de Labov (1972) que: “a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está de fato provada. É da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar (...)”. Assim a variação linguística enfoca que nenhuma língua natural humana é um sistema em si mesmo homogêneo e invariável. É o que também se pode comprovar nas palavras de Bagno:

“Já está mais do que comprovado que, do ponto de vista exclusivamente científico, não existe erro em língua, o que existe é variação e mudança, e a variação e a mudança não são ‘acidentes de percurso’: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas”. (2002)

Os dois sentidos principais de variação linguística aqui apresentados não existem isoladamente, havendo um inter-relacionamento entre eles: uma variante geográfica pode ser vista como uma variante social, e vice-versa.

3. O Diálogo

O diálogo é uma conversação estabelecida entre duas ou mais pessoas, e como tal, para existir diálogo tem de existir um locutor e um interlocutor. Assim de acordo com Martim Buber (2007) “(...) uma conversação não necessita de som algum, nem sequer de um gesto. A linguagem pode renunciar a toda mediação de sentidos e ainda assim é linguagem.”

De uma forma mais linguística e filosófica podemos dizer que o diálogo surge e só acontece quando há a reciprocidade entre os indivíduos, fazendo com que estes também vivenciem essa relação de acordo com o posicionamento do outro, sem, no entanto esquecer suas vontades próprias.

De acordo com Martim Buber há três espécies de diálogo a se considerar:

“O autêntico – onde cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e só próprio uma reciprocidade viva; o diálogo técnico – é movido unicamente pela necessidade de um entendimento objetivo; e o monológico disfarçado de diálogo – onde dois ou mais homens, reunidos num local, falam, cada um consigo mesmo, por caminhos tortuosos estranhamente entrelaçados e creem ter escapado, contudo, ao tormento de ter que contar apenas com os próprios recursos”. (2007)

Para que um diálogo aconteça de verdade é necessário que cada indivíduo ao se relacionar com o próximo conte apenas o que for verdadeiro, pois sabemos que as palavras que por nós são transmitidas revelam aquilo que somos verdadeiramente.

Nesse contexto a objetividade ganhou força e também interferiu nas relações pessoais, por exemplo, a conversa é um gênero bastante desprestigiado nas teorias discursivas, isso porque conota temas desnecessários e que, por isso, não produzem resultados concretos.

4. Origem das Histórias em Quadrinhos

A origem das Histórias em Quadrinhos remonta desde o século XIX. No Brasil originou-se mais especificamente no século XX, porém apesar do país contar com grandes artistas a influência estrangeira sempre foi muito grande nessa área.

Mas precisamente quem iniciou o trabalho dos quadrinhos foi Ângelo Agostini introduzindo desenhos com temas de sátira política e social nas publicações jornalísticas e populares brasileiras. Em 1939 foi lançada a revista "O gibi", nome que se tornaria sinônimo de revista em quadrinhos no Brasil.

Foi no fim de 1959 que estrearam os personagens da Turma da Mônica, criados por Maurício de Sousa e só mais tarde, em 1970, suas histórias passaram a ser publicadas em revistas. Maurício de Sousa pode ser considerado o maior criador de quadrinhos brasileiro de toda a época, cujos gibis da *Turma da Mônica* dominaram o mercado de HQ's infantis no país e ainda hoje é publicado no exterior. Segundo Calazans (1998) "Desta forma, ainda hoje, Maurício de Sousa vende no Brasil mais do que as publicações de Walt Disney".

Podemos dizer então que por ser o mais importante criador de quadrinhos brasileiro Maurício de Souza pode ser citado como o único exemplo que obteve sucesso e prestígio social no difícil mercado que envolve a criação das Histórias em Quadrinhos nacionais. Segundo Sandra Reimão (1997) "trata-se, neste caso, de fenômeno lembrando o mercado de artistas musicais e a própria televisão no Brasil, que concentra suas preferências em artistas nacionais".

5. A variação linguística e a escola

Na sociedade em que vivemos o certo e o errado na língua são conceitos usados para determinar os indivíduos pelos modos de falar, por sua vez, a escola atuando de acordo com essa sociedade adota o mesmo comportamento preconceituoso, e seguindo também a noção do certo e do errado acaba dessa forma rotulando seus alunos pelos modos diferentes que cada um tem de falar.

De acordo com Branco (2001) “para a escola aceitar a variação linguística como um fato linguístico, precisa mudar toda a sua visão de valores educacionais”.

É um papel da escola respeitar as diferenças existentes entre os alunos e é também um dever mostrá-los como a sociedade atribui os mais diferentes valores sociais aos diferentes modos de falar dos indivíduos, isto implica que uma pessoa é reconhecida na sociedade pelo modo como ela se expressa, pela forma que age e pelo que conhece da língua portuguesa e suas normas de adequação da fala.

Então para aprender português, ainda de acordo com Branco é necessário:

“não só aprender como a língua (e suas variedades) funciona, mas também estudar ao máximo os usos linguísticos; e isso não significa só aprender a ler e a escrever, mas inclui ainda a formação para aprender e usar variedades linguísticas diferentes, sobretudo o dialeto-padrão. A escola dessa forma não só ensinaria português, como desempenharia ainda o papel imprescindível de promover socialmente os menos favorecidos pela sociedade”. (2001)

Para o aluno seria mais fácil compreender o seu mundo e o das outras pessoas que o cercam se conseguisse aprender as diversidades da variação linguística, já que os preconceitos existentes acabam ficando enraizados na escola e na sociedade por serem passados de geração em geração.

Para que essa situação mude é necessário ensinar os alunos que a variação linguística existe, e que ela ocorre de acordo com alguns fatores como região, cidade, estado, idade, sexo, classe social entre outros. Os alunos precisam saber que existe as diversidades da variação linguística e se eles forem sensibilizados dessa forma e assim for repassado de geração após geração o aprendizado irá mudar o modo como eles encararam as variações e passaram a se adequar as diferenças linguísticas mudando dessa forma o modo como a sociedade pensa e atua.

6. Análise dos dados

Ao nos depararmos com os HQ'S de Chico Bento, percebemos que a relação entre o mesmo e sua professora Marocas é repleta de questões que ficam subtendidas no texto, uma vez que durante os diálogos há marcações sutis de suas intenções verídicas. Serão utilizadas para esse estudo três histórias correspondentes as personagens, observando aspectos linguísticos, informações implícitas e os conflitos de geração. Os diálogos destes HQ's são secos e curtos, típicos da falta de interação não só de professor X aluno como na relação entre indivíduos, e como se pode

observar, a docência é atribuída a uma personagem feminina, reforçando assim o trabalho de ensinar.

Dona Marocas, a professora da escola de Chico Bento, em todas as histórias, apresenta compondo-se do mesmo visual - cabelo amarrado discretamente, óculos, sapato baixo, brincos pequenos, roupas que alternam entre conjunto saia/ blusa e vestido, mas ambos sempre bem comportados, sua postura diante dos alunos retrata o padrão de professor no exercício docente. No geral as HQ's apresentam, como já mencionamos, a variação linguística típica do ambiente. Tendo isto em vista pretendemos ressaltar que essas variações condizem com os dialetos, uma vez que as histórias possuem diferenças nas dimensões: social e idade.

As linguagens exercidas pelos personagens principais sofrem mudanças sociais, já que Dona Marocas por ser uma professora tem uma classe social bem diferente da personagem de Chico que mora na zona rural. Desse modo "aqui atuam fatores como nível de escolaridade, quase sempre inter-relacionado com classe econômica" (TRAVAGLIA, 2001). Devido a essas diferenças as personagens passam a ficar em grupos sociais distintos (letrado e não letrado).

Na dimensão de idade essas variações decorrentes acontecem sempre e a questão aqui não é mais professor X aluno e sim criança X adulto. Como podemos prevê uma criança mesmo vivendo num meio letrado jamais terá o mesmo nível que um adulto letrado, pois as concepções existentes no indivíduo adulto são bem mais maduras e entendidas que numa criança. Como exemplo disso basta observar o diálogo de Chico Bento e seus pais, apesar de compactuarem com a mesma variação os pais de Chico possuem um maior grau de entendimento da linguagem.

6.1. HQ: Chico Bento em Prova surpresa⁴

Nesta historinha as personagens dialogam em toda sequência, logo no 1º quadrinho a fala da professora de acordo com nossa análise já está dando a entender que existe uma relação de autoridade para com os alunos, pois nesta fala fica implícita a questão do lugar que cada indivíduo deve ocupar nesse espaço escolar, onde o professor sempre está acima do aluno.

Outro ponto pertinente é a variação linguística presente na fala de Chico Bento, essa variação explica-se pelo fato dessa personagem está num ambiente rural onde

⁴ Veja as histórias em quadrinhos em anexo

convive com outros indivíduos que fazem parte do universo “caipira”. Por isso, mesmo que Chico Bento frequente a escola as influências exercidas pelo meio faz com essa variação torne-se mais forte. É interessante notar que a professora não tem preconceito linguístico, pois não foi observada correção à fala dos alunos ou qualquer espécie de repressão expressiva nestes HQ’S selecionados, mas, mesmo assim ela não se iguala a fala dos alunos, criando uma barreira de certa forma.

Nessa história a professora Dona Marocas mostra-se bem humorada em revelar aos alunos incluindo Chico, que haverá uma prova surpresa, no entanto sua fisionomia muda quando ela faz a correção da prova de Chico e vê que ele tirou dez. Essa expressão demonstra a certeza que Dona Marocas tem de que Chico não se sairia bem no teste, ou seja, sua capacidade é inferiorizada pela professora. Vale ressaltar a perplexidade da professora frente às respostas não esperadas/desejadas. A professora sente-se feliz em atribuir nota baixa e triste quando Chico tira nota alta.

6.2. HQ: Chico Bento em O sonho mais lindo⁵

Será analisada apenas uma parte dessa história, tendo em vista que o foco em estudo é Chico Bento e Dona Marocas. Quando observamos o 1º quadrinho vemos o início do diálogo proposto por Dona Marocas, no entanto a personagem Chico Bento não demonstra qualquer interesse pelo assunto exposto na lousa, o que se explica porque para Chico essa aula não tem nada que lhe chame atenção ou desperte seu interesse, fato que acontece não só no ambiente escolar rural, mas também urbano.

Frequentemente posicionada em frente ao quadro-negro, a postura da professora reflete a metodologia que tradicionalmente é associada à docência: olhos fechados, indicando a propriedade e seriedade com que expõe seu saber. É interessante ressaltar, nessa seção, a recorrência da imagem da professora alterada no 3º quadrinho dando uma bronca em Chico Bento por não ter prestado atenção na aula, aqui sua imagem sofre uma mudança perceptível em sua postura, e como forma disciplinar obriga-o a escrever exaustivamente que não deve dormir na sala de aula, isso a nosso ver configura-se na velha imposição dos professores tradicionais ao alunado. Ela se apresenta, nessa situação infligindo ações inadequadas de seus alunos, neste caso Chico Bento que numa ação espontânea e incontrolável de seu estado físico acabou caindo no sono, fazendo com que Dona Marocas percebesse e punisse seu ato. O objetivo desse ato punitivo seria o de expor o aluno infrator à frente da turma coagindo suas ações de criança entediada com o ensino. Essas

⁵ Veja as histórias em quadrinhos em anexo

práticas são tão tradicionais e ineficientes que estão sendo retiradas mesmo que aos poucos dos procedimentos pedagógicos.

Para isso afirmam os behavioristas que “as práticas punitivas correntes na educação foram questionadas, obrigar os alunos a escreverem várias vezes um mesmo texto não os tornaria disciplinados só prejudicariam o desenvolvimento escolar”. A repreensão e punição de Dona Marocas são típicas do tradicional ensino: obedecer ao professor sem fazer nenhum tipo de comentário ou objeção, por isso quando sai da sala de aula Chico Bento sente-se aliviado. Não tirante isso percebe-se aqui a autoridade dos mais velhos sobre o mais novo, levando em consideração o meio que Chico vive (zona rural) o respeito com as pessoas é muito maior do que os alunos da zona urbana, claro que falamos de um modo geral.

Nessa história a professora é retratada dirigindo-se oralmente aos alunos, através da técnica de perguntas e respostas “prontas”, ressaltando a memorização dos conteúdos, sem evidências da incorporação de novas estratégias que levem a uma maior compreensão sobre as informações expostas. Seu discurso é totalmente arcaico.

6.3. HQ: A professora⁶

No HQ analisado, constatamos a falta de diálogo entre as personagens, no entanto ao acompanhar os primeiros quadrinhos temos a clara noção do cotidiano escolar, e após a leitura do último quadro aonde Chico Bento produz um texto sobre a professora, acreditamos ser interessante ressaltar a visão contraditória que a personagem Chico tem de Dona Marocas, visto que suas atitudes não condizem com sua fala, ou seja, há um conflito entre o que fala e o que faz diante de seus alunos. Essas contradições no âmbito escolar de acordo com o PCN não devem acontecer afinal os mais “velhos” ou autoridades servem de referência para os outros indivíduos do mesmo meio em formação. É por isso que consta no PCN a seguinte afirmação: “o professor pode constituir em referência para o aluno” (PCN, 2001).

O que fica subtendido aqui é a questão de obedecer às regras impostas sem reclamar.

⁶ Veja as histórias em quadrinhos em anexo

Considerações finais

Através da realização deste estudo percebe-se que muitas são as variações linguísticas existentes, não só a variação social e de idade como a de Chico Bento com sua professora, mas outras decorrentes de diversos fatos linguísticos, dessa forma é mostrado também que a sociolinguística traz muitas contribuições para que esse assunto possa ser estudado e explorado de forma que possamos compreender os fatos decorrentes da língua, sendo possível notar que a sociedade exerce um grande poder de influência em nossa linguagem.

Considerando que os fatos da linguagem aqui também ficaram expostos aqui, faz-se necessário ressaltar a importância que o diálogo tem para a sociolinguística, sendo explorado de forma que compreendêssemos as variações presentes na fala de Chico Bento e de sua professora, já que todas as histórias constituem um diálogo entre as personagens. É nesse âmbito que situamos uma breve explanação sobre a origem das HQ's e sobre o criador dos gibis da Turma da Mônica, Maurício de Sousa, a fim de nos mostrar a contribuição que este teve para o mercado de produções de gibis, no qual pretende através da criação de Chico Bento mostrar uma realidade brasileira esquecida ou ocultada por nós.

Além do mais é feito um estudo da variação linguística na escola e de como esta deve atuar para não haver discriminação por parte dela, já que este é um fato puramente desenvolvido por questões sociais e geográficas, sendo assim a escola deve ajudar na libertação desses conceitos de que a variação linguística serve para determinar a classe social de um indivíduo, deve haver uma desmistificação e mostrar uma realidade voltada para as diversidades da variação linguística.

Referências bibliográficas

Almanaque do Chico Bento. São Paulo: Globo / Maurício de Sousa

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BRANCO, Margarida. **Fonética na sala de aula**. São Paulo: Pontes, 2001.

BUBER, Martin. **Do diálogo ao dialógico**. São Paulo: perspectiva, 2007.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara (org). **As Histórias em Quadrinhos no Brasil: teoria e prática**. Guarulhos: Intercom / Gráfica e editora Parma, 1997.

CALVET, Louis-jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: parábola, 2002.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania press, 1972.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. In: Sociolinguística. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

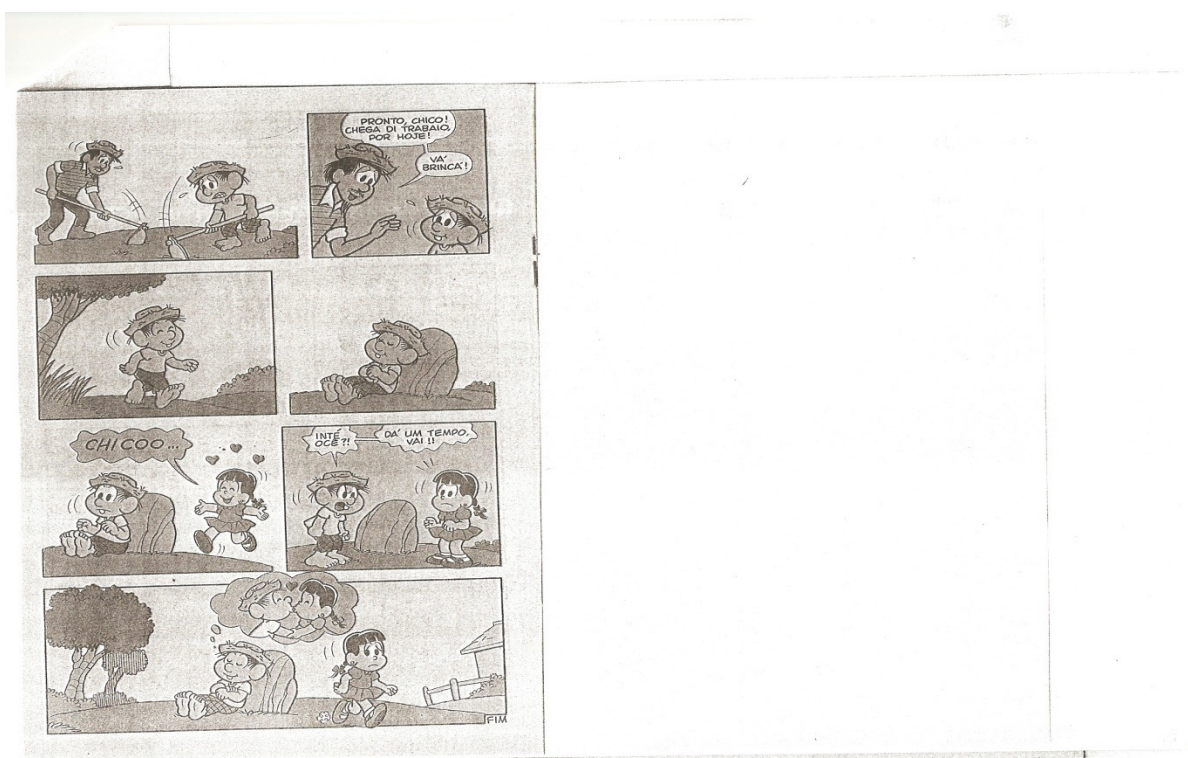
Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Questões fundamentais para o ensino de gramática**. In: Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

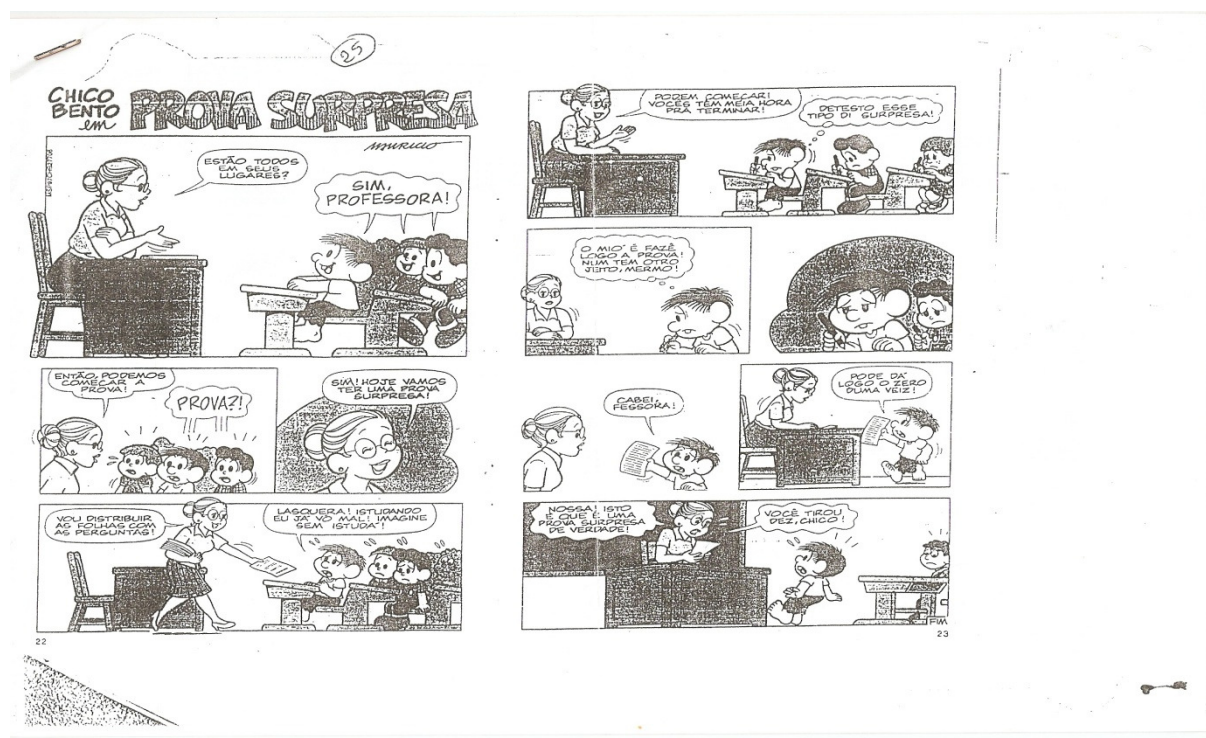
Anexos

1ª HQ





2ª HQ



3ª HQ

